Pensando a Vida com o Psicodrama

Antônio Carlos de Oliveira Souza-Tom[1]

RESUMO

A Socionomia — ciência dos grupos — e um de seus principais métodos, o Psicodrama, muitas vezes restritos ao exercício clínico, acabam por ter seus postulados e conceitos pouco presentes na linguagem cotidiana do psicodramatista. Vemos o estudante e o profissional fazendo uso de conceitos e termos oriundos de outras vertentes psicodinâmicas, esquecendo-se de que há, no arcabouço socionômico, conteúdo suficiente para fazê-lo. A análise dos processos de aprendizagem acadêmicos tradicionais revela uma desconexão frequente entre a transmissão de conteúdo e a experiência vivida. Ao priorizar a teoria em detrimento da prática, esse modelo muitas vezes negligencia o potencial transformador do aprendizado. Propõe-se, em contrapartida, a abordagem psicodramática, na qual a vivência precede a sistematização do conhecimento, assegurando que o aprendizado seja uma decorrência natural da experiência. Essa perspectiva convida a uma reflexão sobre a necessidade de resgatar metodologias que integrem a subjetividade ao cotidiano, preenchendo lacunas deixadas por estruturas puramente conceituais. Nesse contexto, o jogo surge como um dispositivo central para o desenvolvimento humano. Mais do que um entretenimento, a atividade lúdica é um fenômeno estruturante e anterior à própria formalização da cultura, atuando como um precursor do crescimento biológico e psíquico. Ao participar de um jogo, o indivíduo move-se em um campo de liberdade regulada, onde escolhas pessoais e o coletivo influenciam-se mutuamente. Para que essa prática mantenha sua potência criativa, é essencial que ocorra em um ambiente de acolhimento e espontaneidade, permitindo o trânsito entre a realidade imediata e a dimensão simbólica. Através do ato de ousar e experimentar novos papéis, o indivíduo libera-se para explorar múltiplas possibilidades existenciais, ampliando sua capacidade de agir e sentir no mundo. A vivência proposta desenrolar-se-á como um jogo psicodramático, pinçando-se cenas rápidas do cotidiano, procurando compreendê-las e explicá-las usando exclusivamente o conhecimento socionômico. A vivência inicia-se por um aquecimento inespecífico, solicitando aos participantes que percorram sua rota de interesse até o Psicodrama. Na etapa de aquecimento específico, o grupo compartilhará histórias e pequenos fatos do cotidiano. Na ação dramática, para cada relato, montam-se pequenas cenas que serão exploradas tecnicamente pelo diretor.

[1] Psiquiatra. Psicodramatista Didata-Supervisor. Diretor de Teatro Espontâneo. Instituição: Profint. E-mail: antoniocarlos53@hotmail.com.

Em dado momento, solicita-se à plateia que procure conceitos psicodramáticos presentes ou aplicáveis à cada cena, ressaltando-se que não se buscam respostas certas, mas o exercício de trazer à tona, a partir do vivido, o conhecimento conceitual. Nesse clima entre o lúdico — possibilitado pelo jogo de papéis da teatralização — e o pedagógico, chegamos ao processamento didático que, nesta vivência, virá antes do compartilhamento. No processamento, procurar-se-á esclarecer os pontos teóricos possíveis. Segue-se o compartilhamento, onde se espera a resposta afetiva ao jogo dramatizado, entendendo-se que os processos afetivo e cognitivo são inseparáveis no âmbito da aprendizagem e da vida cotidiana. Assim, procuraremos refletir sobre o quanto o vocabulário de conceitos socionômicos pode dar conta de compreender e explicar os fenômenos do dia a dia.

Palavras-chave: Socionomia. Psicodrama. Jogo Dramático. Aprendizagem. Teoria e Prática.